



NA MARGEM DO GRANDE RIO

Os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana médio.

Victor S. Gonçalves
Ana Catarina Sousa
Grégor Marchand

MEMÓRIAS d'ODIANA 2.^a Série
Estudos Arqueológicos do Alqueva

**NA MARGEM DO GRANDE RIO.
OS ÚLTIMOS GRUPOS DE CAÇADORES-RECOLECTORES
E AS PRIMEIRAS SOCIEDADES CAMPONESAS
NO GUADIANA MÉDIO**

FICHA TÉCNICA

MEMÓRIAS d'ODIANA - 2.ª Série

TÍTULO

NA MARGEM DO GRANDE RIO. OS ÚLTIMOS GRUPOS DE CAÇADORES-RECOLECTORES E AS PRIMEIRAS SOCIEDADES CAMPONESAS NO GUADIANA MÉDIO

AUTORES

Victor S. Gonçalves
Ana Catarina Sousa
Grégor Marchand

COLABORAÇÃO

Ana Maria Silva, António Alfarroba,
Eugénia Cunha, João Luís Cardoso,
Marina Igreja, Teresa Ferreira

FOTOGRAFIA E TRATAMENTO DIGITAL DE IMAGEM

Victor S. Gonçalves

DESENHOS DE MATERIAIS LÍTICOS

Fernanda Sousa

DESENHOS DE CERÂMICA, TINTAGENS DE PLANTAS E ALÇADOS

André Pereira e Marco Andrade

GESTÃO DE ARQUIVO

Marisa Cardoso

EDIÇÃO

EDIA - Empresa de desenvolvimento e infra-estruturas do Alqueva
DRCALEN - Direcção Regional de Cultura do Alentejo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

António Carlos Silva
Frederico Tátá Regala

DESIGN GRÁFICO

Luisa Castelo dos Reis / VMCdesign

PRODUÇÃO GRÁFICA, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

VMCdesign / Ligação Visual

TIRAGEM

500 exemplares

ISBN

978-989-98805-9-7

DEPÓSITO LEGAL

356 090/13

FINANCIAMENTO

EDIA - Empresa de desenvolvimento e infra-estruturas do Alqueva

INALENTEJO

QREN - Quadro de Referência Estratégico Nacional

FEDER - Fundo Europeu

de Desenvolvimento Regional

Évora, 2013

**NA MARGEM DO GRANDE RIO.
OS ÚLTIMOS GRUPOS DE CAÇADORES-RECOLECTORES
E AS PRIMEIRAS SOCIEDADES CAMPONESAS
NO GUADIANA MÉDIO**

*Victor S. Gonçalves
Ana Catarina Sousa
Grégor Marchand*

Évora, 2013

5. ESTUDOS EM ANEXO

5. ESTUDOS EM ANEXO

1. Xarez 12. Estudo arqueozoológico de mamíferos

João Luís Cardoso*

* Professor catedrático da Universidade Aberta. Investigador da UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

2. Introdução

Neste contributo, apresenta-se o estudo dos restos de mamíferos recolhidos nas escavações dirigidas pelo Prof. Doutor Victor S. Gonçalves na estação de Xarez 12 (Reguengos de Monsaraz), e por este confiadas para estudo ao signatário, com a indicação do enquadramento cronológico-cultural de cada um dos conjuntos estudados.

Apesar da extrema minúcia das recolhas e do cuidado dispensado ao acondicionamento dos inúmeros restos recuperados, estes apresentam-se, via de regra, reduzidos a pequenas esquirolas ou fragmentos inclassificáveis; para tal situação, terão corrido duas causas principais: a intensa acção antrópica exercida sobre tais restos; e a agressividade química do terreno, que terá promovido a destruição de muitos deles, aliás favorecida pelo seu pequeno tamanho. Tal realidade poderá encontrar-se indirectamente denunciada pela grande incidência dos restos conservados que ostentam marcas de calor, com um grau variável de incarbonização, alteração que terá promovido a sua maior resistência, tanto física, como química, justificando assim a sua conservação diferenciada.

3. Inventário

Consideraram-se apenas os restos que possibilitaram determinação específica, pela conservação de características morfológicas significantes. Foram, ainda, atribuídas classificações a alguns restos, sob reserva, tendo por base as respectivas dimensões: é o caso dos que se consideraram sob a designação genérica de *Bos* sp. e de *Lepus* sp., bem como os que se reportaram a cf. *Capra/Ovis*.

Tendo presente o escasso número de restos determinados, a que acrescem as dificuldades, nalguns casos, de atribuição ao lado do esqueleto a que

pertenciam, considerou-se espúrio o cálculo do número mínimo de indivíduos representados de cada espécie.

UE 3 – Fase 1 – Mesolítico Final/Neolítico Antigo

1. *Cervus elaphus*

A3/M18/n^{os}. 291/UE3/Z117,80

extremidade distal de primeira falange, partida intencionalmente e com marcas de fogo

A3/M18/n^{os}. 286/UE3/Z117,80

lunar esquerdo

A3/M18/n^{os}. 218/UE3/X88/Y183/Z117,84

piramidal esquerdo

A3/M18/n^{os}. 287/UE3

– tróclea distal de metápodo indeterminado es-
curecido pelo fogo

A3/M18/n^{os}. 241/UE3/X68/Y45/Z117,81

porção proximal de calcâneo direito

A3/M19/UE3

Esquirola de porção proximal de humero de
lado indeterminado com indícios de fogo

Extremidade distal de diáfise de rádio de lado
indeterminado

A3/M19/n^{os}. 323/UE3

dente jugal superior (M\1 esquerdo ?)

A3/M19/n^{os}. 321/UE3/Z117,74

– astrágalo esquerdo de pequenas dimensões

A3/N17/n^{os}. 249/UE3/X104/Y79/Z118,19

extremidade distal de humero direito

A3/N18/n^{os}. 156/UE3/X31/Y92/Z118,22

Extremidade articular de metápodo indetermi-
nado, correspondendo a porção de tróclea

A3/N18/n^{os}. 148/UE3/X48/Y87/Z118,21

2 fragmentos de esmalte dentário de elementos
indetermináveis

A3/N18/n^{os}. 143/UE3/X54/Y62/Z118,22

astrágalo esquerdo de pequeno tamanho com
marcas de fogo (Fig. 1)

capitato-trapezóide direito

A3/N18/n^{os}. 126/UE3/X106/Y109/Z118,2

Esquirola longitudinal de astrágalo de lado in-
determinado

A3/N18/n^{os}. 354/UE3
porção da articulação distal (tróclea) de metápo-
do indeterminado

A3/N18/n^{os}. 353/UE3

astrágalo esquerdo de pequeno tamanho

A3/P18/n^{os}. 481

– fragmento de dente jugal superior indetermi-
nado

A3/Q17/n^{os}. 434/UE3/X190/Y103/Z118,48

Porção de diastema de mandíbula esquerda

2. *Bos cf. primigenius*

A3/M18/n^{os}. 285/UE3/Z118,07

– grande cuneiforme direito (Fig. 2)

A3/N18/n^{os}. 204/UE3/X116/Y5/Z118,07

– Axis

3. Cf. *Ovis/Capra*

A3/N18/n^{os}. 230/UE3/X74/Y54/Z117,86

– vértebra lombar

4. *Oryctolagus cuniculus*

A3/M19/n^{os}. 323/UE3

– extremidade distal de tibia

A3/N18/n^{os}. 231/UE3/X65/Y52/Z117,88

– Porção de maxilar de coelho

A3/N18/n^{os}. 343

– metápodio indeterminado

5. *Oryctolagus cuniculus/Lepus* sp.

A3/M19/n^{os}. 323/UE3

metade distal de humero esquerdo

extremidade distal de tibia esquerda

6. *Felis sylvestris*

A3/M19/n^{os}. 322/UE3

– astrágalo esquerdo escurecido pelo fogo

UE 2 – Fase 2 – Neolítico antigo

1. *Cervus elaphus*

A3/M17/n^{os}. 121/UE2/Z118,36

– fragmento dentário indeterminado

A3/M17/n^{os}. 196/UE2/Z118,37

fragmento de calcâneo esquerdo de pequenas
dimensões

A3/N17/n^{os}. 329/UE2/x118/Y14/Z118,27

fragmento dentário inclassificável

A3/N18/n^{os}. 152/UE2/X39/Y90/Z118,21

Extremidade articular distal de metápodio

Cabeça de fêmur de lado indeterminado com
marcas de fogo

A3/N18/n^{os}. 125/UE2/X79/Y157/Z118,21

Porção da articulação distal de tróclea de metá-
podio indeterminado

A3/N18/n^{os}. 124/UE2/X84/Y161/Z118,21

Extremidade distal articular de tróclea de metá-
podio indeterminado

A3/N18/n^{os}. 122/UE2/X95/Y158/Z118,21

Extremidade distal articular de metápodio inde-
terminado, com marcas de fogo

A3/N18/n^{os}. 52/UE2/X139/Y35/Z118,32

Diversos fragmentos de esmalte dentário per-
tencente a um ou mais dentes lacteais

A3/N18/n^{os}. 329/UE2/X58/Y78/Z118,2

– Fragmento dentário (lacteal ?) indeterminável

**A3/N19/n^{os}. 236/FMM/UE2/X26/Y79/
Z118,28**

– porção de rádio direito, reduzida a parte da
superfície articular distal

A3/P18/n^{os}. 482/UE2

fragmento dentário indeterminado

A3/P18/n^{os}. 254/UE2/X7/Y179/Z118,39

tróclea da articulação distal de metápodio inde-
terminado

A3/P18/n^{os}. 242/UE2/Z118,59

dois fragmentos dentários indeterminados

A3/Q16/UE2/n^{os}. 123/Z118,87

– extremidade articular distal de metápodio de
pequeno tamanho

A3/Q16/n^{os}. 340/UE2/Z118,62

extremidade articular distal de metápodio de pe-
queno tamanho, totalmente incarbonizado

A3/Q16/n^{os}. 347/UE2/X170/Y129/Z118,62

extremidade articular distal de metápodio de pe-
queno tamanho, totalmente incarbonizado

A3/Q16/n^{os}. 712/UE2/Z118,62

dente jugal inferior muito incompleto

A3/Q16/n^{os}. 706/UE2/Z118,87

– porção da articulação proximal de rádio de
lado indeterminado

A3/Q16/n^{os}. 50/UE2/Z118,97

– extremidade proximal de segunda falange to-
talmente escurecida pelo fogo

A3/Q18/n^{os}. 265/UE2/X29/Y187/Z118,50

fragmentos de um ou dois dente jugais indeter-
minados

A3/Q18/n^{os}. 70/UE2
fragmentos de um ou dois dente jugais indeterminados

A3/Q18/n^{os}. 102/UE2/X93/Y157/Z118,92
fragmentos de um ou dois dente jugais indeterminados

A3/R18/n^{os}. 497/UE2
fragmentos de um ou dois dentes jugais indeterminados

2. *Equus* sp.

A3/N16/n^{os}. 326/UE2/X107/Y104/Z118,46
- dente jugal inferior, fracturado e incompleto, pelo efeito do calor (Fig. 3)

3. *Bos* cf. *primigenius*

A3/M17/n^{os}. 108/UE2/X119/Y128/Z118,36
- esquirola de osso longo indeterminável

4. *Bos* sp.

A3/N17/n^{os}. 464/UE1
- fragmento de dente jugal superior

5. *Sus* sp.

A3/N17/n^{os}. 331/UE2/x112/Y33/Z118,27
- cúbito direito

A3/R18/n^{os}. 141/UE2/X75/Y17/Z118,64
- germe de M/3 incompleto, faltando-lhe a porção anterior (Fig. 4)

6. *Oryctolagus cuniculus*

A3/N18/n^{os}. 332/UE2/X45/Y55/Z118,15

- hemimandíbula conservando dois dentes

A3/N18/n^{os}. 163/UE2/X51/Y60/Z118,15
- 2 dentes soltos, acompanhados de fragmento do osso mandibular (?)

7. *Lepus* sp.

A3/Q16/UE2/Z118,62

- extremidade proximal de fémur de lado indeterminado, muito incarbonizado

8. Cf. *Ovis/Capra*

A3/R18/n^{os}. 127/UE2

- fragmento de dente jugal compatível com ovino/caprino

A3/N16/n^{os}. 477/UE2

- fragmento da extremidade articular distal (porção de tróclea) compatível com ovino/caprino

UE 2-3

1. *Cervus elaphus*

A3/Q17/n^{os}. 810/UE2/3/Z118,65

- fragmento dentário indeterminado

A3/Q17/n^{os}. 8^o8/UE2/3 (?)Z118,65

- fragmento dentário indeterminado

2. *Bos* cf. *primigenius*

A3/N18/n^{os}. 259/UE2-3/X19/Y180/Z118,05

- Grande esquirola de osso longo e outras menores, pertencentes ou não ao mesmo indivíduo.

A3/P17/n^{os}. 46/UE2/3/X58/Y19/z118,52

- tróclea distal mesial de fémur

4. Discussão

4.1. As espécies presentes

A espécie mais comum nos dois contextos principais estudados (U.E. 3 e U.E. 2) é o veado, estando presentes segmentos anatómicos das diversas partes do esqueleto, sem particular incidência de nenhuma delas. Deste modo, pode concluir-se que o esquartejamento dos animais se devia efectuar na área habitada, até por estarem presentes elementos correspondentes a partes de escasso valor alimentar: é o caso dos elementos dentários, a par dos ossos das extremidades dos membros anterior e posterior.

A segunda espécie presente, em número de restos determinados, é o coelho, a que se juntam alguns restos atribuíveis, pelo tamanho, a lebre. Mas, pela diminuta corpulência destas espécies, seria pouco significativo o contributo cárnico de ambas.

Outro tanto não se verifica com o auroque: os escassos restos atribuíveis à espécie, que se encontra presente no contexto mais antigo por duas peças ósseas, exprimem, ao contrário, significativo contributo proteico, pela corpulência da espécie, talvez apenas ultrapassada pelo contributo devido à caça do veado.

No âmbito da fauna caçada, importa destacar a presença de um dente jugal inferior de equídeo, bem

como um astrágalo esquerdo de gato bravo. Ambas as peças evidenciam acentuadas marcas de calor, encontrando-se o dente fracturado e estalado e o astrágalo totalmente escurecido.

As espécies domésticas encontram-se presentes de forma residual e sempre sob reserva: trata-se do boi doméstico, diferenciado do auroque pelo tamanho, e da ovelha/cabra, conjunto representado por apenas três restos, todos eles classificados sobre reserva. A predominância absoluta de espécies selvagens, mostra a existência de comunidades pouco sedentarizadas na região, entre o Mesolítico Final e o Neolítico Antigo, especializadas na caça ao veado, espécie largamente dominante no conjunto, ao menos em termos de quantitativos capturados.

Com efeito, é interessante verificar a extrema raridade de restos de suídeos, apenas presentes no conjunto faunístico mais moderno; tendo presente a dificuldade na separação entre restos de javali e de porco, tal raridade afigura-se mais consentânea com a sua atribuição a animais caçados. Um dos dois restos identificados corresponde a um germe de terceiro molar inferior incompleto, pertencente a indivíduo subadulto. Apesar de incompleto, possui desenvolvimento alongado e cúspides muito bem desenvolvidas, sobretudo na região do terceiro lobo posterior, aspecto que é mais consentâneo com javali. Note-se, no entanto, que é difícil explicar a acentuada desproporção verificada entre a presença deste suídeo, presumivelmente selvagem, e a de veado, tendo presente que ambas as espécies, de evidente valor alimentar, seriam comuns nos biótopos por ambas partilhados. Não se pode invocar, por outro lado, maiores dificuldades na captura do javali: com efeito, nos conjuntos faunísticos dos três concheiros mesolíticos mais importantes da região de Muge (Moita do Sebastião, Cabeço da Amoreira e Cabeço da Arruda) e do vale do Sado (Cabeço do Pez) (informação de Cleia Detry, que agradecemos), a presença de javali é sempre próxima da do veado, contrariando aquela hipótese.

4.2. Análise comparativa. Significado paleoecológico

Os dois conjuntos considerados – U.E. 2 e U.E. 3 – evidenciam estrutura idêntica no respeitante à distribuição e abundância das espécies que os integram. Com efeito, em ambos, avulta, de forma absoluta, a presença do veado, sendo evidente, de uma forma mais genérica, o nítido predomínio da fauna caçada,

remetendo para posição residual o contributo devido às espécies domésticas, cujos restos foram atribuídos sempre sob reserva, correspondentes a boi doméstico e a ovelha/cabra.

Importa ainda sublinhar, dentre as espécies caçadas, a presença, numa ou noutra das duas unidades estratigráficas consideradas, de um equídeo, provavelmente cavalo, e de suídeo, supostamente selvagem (na unidade estratigráfica mais moderna), de auroque, provável (em ambas), e de gato bravo (na unidade estratigráfica mais antiga). Esta realidade documenta a diversidade de capturas, decorrente de uma realidade paleoecológica igualmente diversificada.

Assim, seria provável a existência de bosques mais ou menos abertos, propícios à presença de veados e de javalis, enquanto auroques e equídeos viveriam em espaços preferencialmente mais abertos, onde seriam capturados.

4.3. Relação entre as estruturas identificadas, os restos faunísticos recolhidos e a sua preparação culinária

Um dos aspectos mais interessantes e característicos desta estação arqueológica é a existência de um conjunto de fornos culinários de planta sub-circular, feitos de barro amassado. Desde logo importava valorizar a relação entre a disposição no terreno destas estruturas e a localização no terreno dos materiais faunísticos encontrados, especialmente dos mais expressivos. Assim, das sete ocorrências seleccionadas, seis pertencem a veado e apenas uma a coelho. Pode, deste modo, reforçar-se a conclusão de que os nacos de carne pertencentes àquela espécie, depois de preparados – como certamente os pertencentes às restantes espécies presentes – seriam predominantemente cozinhados nos referidos fornos. Contudo, esta técnica dificilmente deixaria marcas de calor tão acentuadas como as observadas na generalidade dos restos. Com efeito, as peças exibem em geral manchas escurecidas que abarcam extensas áreas da sua superfície, atingindo, mesmo, o seu interior, indicando intensas e prolongadas exposições ao calor, incompatíveis com a preparação culinária.

Assim, é lícito concluir que, depois de consumida a carne, os restos ósseos alimentariam a combustão dos próprios fornos, pelas gorduras e matérias combustíveis que possuíam ainda, especialmente no seu interior (medula óssea). Esta prática estender-se-ia às próprias peças dentárias, de que é exemplo o dente de equídeo recolhido, com fracturas devidas ao fogo.

O único conjunto faunístico estudado e publicado de época neolítica, do vale do Guadiana, é o recolhido no povoado da Igreja de S. Jorge, Vila Verde de Ficalho (Cardoso, 1994). A presença de um muito maior número de restos de ovelha/cabra, acompanhados de uma presença de espécies caçadas pouco significativa, representadas por escassos restos de veado, para além do coelho, deve reflectir uma maior modernidade do conjunto, e/ou as características mais sedentárias das respectivas populações. Contudo, também neste conjunto se notou uma assinalável presença de restos mais ou menos incarbonizados, especialmente nos níveis mais superficiais, o que sugeriu o recurso a grelhados e churrascos mais frequentes, ou a existência de um incêndio generalizado que tivesse atingido especialmente os materiais mais superficiais, atendendo à presença de tais marcas, «muito para além das usualmente observadas em contextos idênticos» (Cardoso, 1994, p. 54). Esta ocorrência possui evidentes analogias com a situação observada em Xarez 12, não sendo, pois, de excluir, a hipótese de incêndio, como podendo também estar na origem das marcas de calor presentes na generalidade dos restos ósseos observados.

5. Conclusões

As conclusões possíveis decorrentes do presente estudo, encontram-se fortemente limitadas, tanto pelo escasso número de peças determinadas, específica e anatomicamente, como pelas profundas modificações que sofreram, decorrentes de uma intensa

acção antrópica que as reduziu, quase sempre, a esquirolas os fragmentos inclassificáveis.

No conjunto, a componente cinegética é quase exclusiva, sendo nela o veado largamente dominante. Boi doméstico e cabra/ovelha encontram-se presentes apenas de forma residual e sempre sob reserva, dada a natureza dos restos. Tal pode indicar a existência de comunidades pouco sedentárias, entre o Mesolítico Final e o Neolítico Final, de acordo com as indicações crono-culturais fornecidas pelo arqueólogo responsável, bem como uma assinalável e recorrente continuidade, tanto na utilização do mesmo espaço físico, como na construção e utilização de idênticos tipos de estruturas domésticas, como as estudadas. Outro indício da manutenção dos hábitos culinários e de práticas cinegéticas, é o facto de a estrutura da composição faunística de ambos os conjuntos não ter sofrido alterações significativas, na transição do Mesolítico Final para o Neolítico Antigo, época a que pertence o conjunto mais moderno. Tal facto significa que a base alimentar proteica não conheceu grandes alterações, tal como as características dos biótopos envolventes. Com efeito, exceptuando-se a existência de uma cobertura vegetal mais densa e diversificada, sugerida pela notável presença de veado, em consequência, talvez, de um clima um pouco mais húmido que o actual, as condições ambientais não se afastariam significativamente das ora vigentes na região, com manchas de bosque e matagais pouco densos, com veados e javalis, pontuando vastos espaços abertos, onde viveriam equídeos selvagens (cavalo?) e auroques.



Fig. 1 – Astrágalo direito de *Cervus elaphus*, com marcas de fogo.



Fig. 2 – Grande cuneiforme direito de *Bos cf. primigenius*.



Fig. 3 – Dente jugal inferior de *Equus* sp. (provavelmente *E. caballus*).



Fig. 4 – Fragmento de germe de terceiro molar inferior definitivo de *Sus sp.* (provavelmente *Sus scrofa*).